

# Álbum e cronologia da vida de Barôncio Guerra

*Album and Chronology of the Life of Barôncio Guerra*

Gustavo Sobral<sup>1</sup> André Felipe Pignataro Furtado de Mendonza e Menezes<sup>2</sup>

**Resumo.** O presente texto buscou refletir e fazer um levantamento biográfico da vida de Barôncio Guerra por meio das fotografias coligidas em arquivos potiguares (públicos e privados). Dessa forma, estabelecemos uma cronologia que facilitasse o entendimento do período histórico perseguido por nós aqui nessa discussão.

**Palavras-chave.** Natal. Barôncio Guerra. Fotografia.

**Abstract.** The present text sought to reflect and make a biographical survey of Barôncio Guerra's life through photographs collected in Potiguar archives (public and private). In this way, we established a chronology that would facilitate the understanding of the historical period pursued by us here in this discussion.

**Keywords.** Natal. Barôncio Guerra. Photography.

## Introdução

Vivaz, genuíno, falante, inteligente, culto. Leal, sincero e ótimo amigo, capaz de discutir sobre tudo. Ótimo garfo e destacado copo e parte inteiramente integrante da vida boêmia e cultural da cidade do Natal, a vida de Barôncio de Brito Guerra (1882–1944) se confunde com a vida da cidade.

Nascido em Triunfo, Rio Grande do Norte, Barôncio Guerra fez os primeiros estudos na cidade natal, andou por outras cidades como Mossoró e Ceará-Mirim, até que se fixou em Natal onde foi tudo, de auxiliar na repartição de Melhoramentos do Porto, passando por agente da Caixa Paulista de Pensões, empresário e suplente e titular da delegacia auxiliar até a chefia do comando do Batalhão de Polícia.

Estudante de Direito no Recife, onde se formou, advogado, jornalista, redator e diretor de diversos jornais da capital. Não bastasse ainda foi músico, seu instrumento o oboé, participando de diversas apresentações musicais e festividades profanas e religiosas na cidade. Membro de sociedades, clubes, inclusive frequentando o Club Carlos Gomes e habitué dos cafés Potiguarania e do Magestic, do qual foi sócio proprietário.

Casou com Neusa de Brito Gluck, em 1915 e tiveram quatro filhos, Yaporan Caramuru, Yaponira, Yapery Tupiassu e Yaperina. Veraneou na Redinha, proprietário do sítio Futuro, onde

---

<sup>1</sup>Mestre em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN), graduando no curso de História (UFRN), graduado em Comunicação Social—Jornalismo (UFRN) e Direito (UnP). É escritor e pesquisador, escreveu, publicou e organizou diversos livros ([www.gustavosobral.com.br](http://www.gustavosobral.com.br)). Foi presidente da Fundação Nilo Pereira (Ceará-Mirim/RN) e Diretor de Biblioteca, Arquivo e Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN). Em 2021, foi agraciado com o título de sócio benemérito do IHGRN pelos relevantes serviços prestados à instituição. Atualmente, é editor da Revista IHGRN. ID Lattes: 4597440453072251. E-mail: [gustavo@gustavosobral.com.br](mailto:gustavo@gustavosobral.com.br).

<sup>2</sup>É advogado e pesquisador. Diretor do Departamento de Pesquisa do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e presidente da Academia Cearamirinese de Letras.

Figura 1: Câmara Cascudo e família Barôncio Guerra



Fonte: Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924–1944 (2010), p. 192.

No verso, com letra de Mário de Andrade:

“Redinha (Natal) / 31-XII-28 / Família Barôncio Guerra.”

recebeu Cascudo e Mário de Andrade em 1928, e lá junto com os demais veranistas construíram a capelinha branca.

Barôncio chegou a Natal no começo do século XX, intentando aventurar-se para o Norte, onde pretendia ganhar a vida. Dissuadido com perspectiva de emprego novo, deixa-se ficar em Natal e aqui se estabelece tornando-se uma figura emblemática da cidade.

A Natal de Barôncio era quatro bairros: Rocas, Ribeira, Cidade Alta e Alecrim, e um plano novo, o Cidade Nova, ocupado vagarosamente e espaçadamente por chácaras e vilas que daria origem aos futuros Petrópolis e Tirol.

A Ribeira era o bairro das repartições, das movimentadas casas comerciais, da estação de trem e do cais do porto, onde atracavam vapores e desciam viajantes. Ribeira, cujo centro era a avenida Tavares de Lyra “a mais bonita, limpa, arborizada e bem calçada” e por onde passava o corso e acontecia o carnaval, lembranças de Lauro Pinto em *Natal que eu vi*.

Figura 2: O cinema Polyteama, Ribeira



Fonte: João Maurício de Miranda, Natal foto-gráfico, p. 86.  
Fotografia de Manoel Dantas, 1911.

Ribeira da estação ferroviária, a antiga Great Western. E do o cinema Polyteama, com uma sorveteria, um salão de bilhar e um salão para espetáculos diversos. Ribeira do teatro Carlos Gomes, do Grupo Escolar Augusto Severo e da Escola Doméstica de Natal.

A praça Augusto Severo, ajardinada e atravessada por canais e pequenas pontes para o passeio e retretas da banda da Polícia Militar. Lauro Pinto: “o jardim era cortado por alamedas com o piso em pedrinhas, vários canais e pontes que com a maré cheia causava deslumbramento.”

O mercado público e a feira da Tatajubeira também faziam a Ribeira. O esporte ficava por conta dos clubes de remo: Esporte Clube de Natal e Centro Náutico do Potengi. Havia também boate, meretrício e o afamado Café Cova da Onça frequentado pelos políticos. A bebida única era o cafezinho...

Natal era a cidade dos concertos e vivia sob uma trilha sonora constante. No teatro Carlos Gomes, uma escola de música começa a funcionar em 1908. E ainda havia a banda de música da polícia, que era a banda do Batalhão de Segurança; do exército, que era a banda da Força Federal; e as independentes, como a Filarmônica Antônio de Andrade. Havia concerto no teatro, no salão nobre do Palácio do Governo, nas praças Augusto Severo, Ribeira; e André de Albuquerque, Cidade Alta.

Natal assistiria naquele começo de século a chegada da luz elétrica, do telefone e dos bondes elétricos que ganhariam poema do poeta modernista. O poeta era Jorge Fernandes, frequentador dos cafés, e o poema, “O bonde novo”. A cidade ganhava novos ares com palacetes e edifícios de fachada desenhada por Herculano Ramos.

Os principais jornais eram *A República*, dos partidários de Pedro Velho; e o *Diário de Natal*, de continua oposição aos pedrovelhistas, como eram tratados os partidários do líder político Pedro Velho.

Em Natal, Barôncio Guerra colabora com o *Oásis*<sup>3</sup>, jornalzinho do Grêmio Literário *Le Monde Marche* do Atheneu Norte-rio-grandense; e será também diretor e redator de jornais na capital; participará de apresentações musicais e festividades profanas e religiosas. Também será membro de sociedades, clubes, inclusive frequentando o Club Carlos Gomes; e habitué dos cafés Potiguarania e do que o sucedeu, o Magestic, do qual foi sócio proprietário.

Potiguarânia quando pertencia a Ezequiel Wanderley, dramaturgo e jornalista; Magestic quando de propriedade de Benjamin Simonetti; depois passou à propriedade da sociedade formada por Barôncio, Deolindo Lima<sup>4</sup>, o poeta Jorge Fernandes e os humoristas Aurélio Flávio e Pedro Lagreca.

Funcionaram na esquina da Ulisses Caldas, 110, com a Vigário Bartolomeu, 549, Cidade Alta. O Potiguarânia possuía salão de bilhar e o Magestic era café e bar, não mais bilhar. Lauro Pinto se queixou: o imóvel era baixo e feio, mas ao gosto da época de sua construção. No primeiro andar funcionava a Diocésia. Era hábito palestras, recitais, conversa fiada, anedotas e recepções, onde se reuniam intelectuais, escritores, poetas, prosadores, dramaturgos, humoristas, daqui e de fora. Pois ali também se recebiam visitantes.

Frequentavam-no, os bons bebedores, comedores e conversadores. Todos amigos e “irmãos da opa” e era proibido ficar aborrecido com as brincadeiras frequentes, por mais pesadas que fossem. Na lista dos mais frequentes, Câmara Cascudo, Jorge Fernandes, Francisco Madureira,

<sup>3</sup>O primeiro número de *Oásis* saiu em 1894. A publicação era quinzenal e contou com diversos colaboradores, dentre eles, Barôncio Guerra que, em 1904, fez parte das duas comissões de redatores daquele ano. Deixou de ser publicada em 1904.

<sup>4</sup>Jornalista, teatrólogo, poeta, seresteiro, folião, maçom, presidente da Liga Artístico-Operária Norte-rio-grandense, dos fundadores do pioneiro Ginásio Dramático Natalense, primeiro intérprete de Praieira—hino da cidade do Natal—, Deolindo Ferreira Souto dos Santos Lima (1885–1944), o *Deolindo Lima*, foi uma espécie de duplo de Barôncio Guerra. Dizem que era uma voz encantadora.

Baroncio, Valdomiro Dias, Pedro Lagreca, José Laurindo, Teodorico Guilherme, João Carvalho da Cruz, Américo Pinto, Eurico Seabra, Francisco Pignataro, Lustosa Pita, Damasceno Bezerra, Luís Maranhão e muitos tantos outros.

Figura 3: Governador Alberto Maranhão inaugurando o Square Pedro Velho



Fonte: João Maurício de Miranda, Natal foto-gráfico, p. 69.  
Fotografia de Manoel Dantas, 1911.

Waldemar de Almeida, o maestro, em sua autobiografia, é um dos que registra acontecimentos do Potiguarânia. Conta Waldemar que em um certo domingo, dia claro de sol e céu sem nuvens, calor de dezembro, portanto verão em Natal, lá vinha ele, Waldemar, suando em bicas e com sede medonha, quando viu a sua frente o Potiguarânia. Entrou, pediu um caldo de cana gelado e foi testemunha do que se passou.

Junto à mesa que ocupei, conta ele, outra estava cheia de garrafas de cerveja com quatro ou cinco em animada conversa. Cada um deles que quisesse ser mais do que o cão. Sem querer, Waldemar foi ouvindo o que diziam. Está na hora do almoço, dizia um; bobagem, dizia outro. Minha mulher está esperando, dizia um terceiro.

Até que cada um começou a exaltar que eram eles que mandavam em casa e não as respectivas esposas. Barôncio Guerra, que bebia e ouvia tudo em silêncio e, vez em quando, achava graça no entusiasmo dos amigos, foi então que Barôncio fez uma proposta: que cada qual mandasse à esposa um bilhete com os seguintes dizeres: que estavam no Potiguarânia, bebendo com os amigos e que elas mandassem ligeiro um almoço para cinco.

Um velho relógio, Waldemar conta, pendurado numa das paredes do bar foi o juiz. Os bilhetes seguiram. Os ponteiros andavam e nem sinal da comida. A falta de resposta esvaziava os maços de cigarro. Dois intentaram desertar. Os outros não deixaram. O prazo era até às treze. O próprio Barôncio foi ficando macambúzio. Eis que de repente, não mais que de repente, entram dois portadores, cada um conduzindo uma bandeja.

Era o almoço. Barôncio se viu vitorioso e, com a maior felicidade deste mundo, leu o bilhete no qual dona Neusa, a esposa, pedia desculpas pela demora, desejando a todos que apreciassem o repasto preparado com muito gosto. E Waldemar de Almeida ainda testemunhou: e nada de outras bandejas chegarem...

## Cronologia anotada e ilustrada

**1882** 25 de março, nascimento de Barôncio de Brito Guerra em Triunfo<sup>5</sup>, Rio Grande do Norte, filho de Neonilla de Albuquerque Guerra e Manoel Basílio de Brito Guerra que fora tenente-coronel da Guarda Nacional, advogado atuante em Mossoró e funcionário público estadual entre 1910 e 1927. Barôncio era sobrinho-neto, pelo lado paterno, de Luiz Gonzaga de Brito Guerra, o Barão do Assu. Os primeiros estudos de Barôncio foram na escola particular do professor Benevenuto Jacome, em Triunfo. Dali, seguiu para aulas de português, aritmética e francês do professor Manoel Praxedes Benevides Pimenta na Fazenda Milagres. Mudou-se para Guarabira, Paraíba, deixou-se lá ficar por um tempo até que voltou à Mossoró para onde seus pais haviam mudado. Depois, vamos encontrar Barôncio em Ceará-Mirim, onde trabalhava numa casa de negócios, cujo nome e o tipo do negócio não se guardou. Aí veio a intenção de ganhar o rumo do Norte, partindo de Natal. Empresa a qual foi dissuadido pelo conterrâneo Romualdo Galvão que lhe arrumou um emprego em Natal nos serviços do Melhoramento do Porto.

Figura 4: Edifício onde se instalou a secção Bonder da Companhia de Melhoramentos de Natal



Fonte: João Maurício de Miranda, Natal foto-gráfico, p. 115.  
Fotografia de Manoel Dantas, 1911.

**1904** Barôncio auxiliar da repartição federal Melhoramentos do Porto e salário de 1.800\$000 (um milhão e oitocentos mil réis ou um conto e oitocentos mil réis). Portanto, estava empregado,

<sup>5</sup>Campo Grande (1858), **Triunfo** (1870) e, finalmente, Augusto Severo (1903). Torna-se cidade em 1936. Explica Cascudo em *Nomes da terra* (1968): Triunfo significava a resposta dos Conservadores de 1870, vitoriosos nas eleições, restaurando o município que os Liberais haviam extinto. Já Augusto Severo, ensina Cascudo, é homenagem prestada pelo chefe político Luís Pereira Tito Jacome (1850–1906), ao seu grande amigo Augusto Severo, morto na explosão do dirigível Pax, na manhã de 12 de maio de 1902, em Paris.

residia em Natal e tinha 22 anos. Ao que parece, permaneceu no cargo por longo período. Em 1909, 1910, 1911, está na função de auxiliar técnico de 3ª classe da Comissão de Melhoramentos do Porto de Natal<sup>6</sup>. E, em 1910 e 1911, aparece como encarregado do Posto Meteorológico, comunicando-se diariamente com o Rio de Janeiro e Buenos Aires, Argentina.

Figura 5: O teatro Carlos Gomes, na Ribeira, em construção



Fonte: João Maurício de Miranda, Natal foto-gráfico, p. 89.  
Cartão Postal, s/d.

**1904** 16 de abril, Barôncio participa de um concerto da orquestra do teatro Carlos Gomes, no salão nobre do Palácio do Governo, regido pelo maestro Luigi Maria Smido, em homenagem ao governador Alberto Maranhão. O concerto estava dividido em duas partes. Barôncio participou da primeira em solo de oboé executando uma canzonetti de Thomas Hermann.

**1907** Barôncio membro da comissão de recepção da Liga Marítima Brasileira para a conferência pública do capitão Frederico Villar no Teatro Carlos Gomes. O envolvimento de Barôncio com a Marinha culminaria na sua adesão à Divisão Branca<sup>7</sup>. Em 1910, Barôncio presidente do clube Divisão Branca.

**1908** 28 de junho, Barôncio participa, juntamente com diversos músicos profissionais e amadores, de um concerto do maestro Elpídio Pereira<sup>8</sup> no salão do Palácio do Governo. O pesquisador Cláudio Galvão (Revista do IHGRN, vol. LXXVII-LXXVII, 1985–1986), registra acerca de

<sup>6</sup>“Em 1893, o Governo da República organizou a **Comissão de Obras do Porto de Natal**, lugar de muito empreguismo, conforme denunciavam os órgãos da imprensa oposicionista. (...) Na administração do dr. Souza Gomes, a comissão do porto instalou um pequeno observatório do tempo, mas, teve pouca duração. Durante a sua gestão, o dr. Pereira Reis inaugurou um novo posto meteorológico no dia 12 de novembro de 1903. Funcionava numa sala do edifício das Oficinas da Comissão de Melhoramentos do Porto, na Ribeira. Durante muitos anos, o Posto Meteorológico “Pereira Reis” fornecia à população, através do jornal *A República*, dados sobre a temperatura e o clima diariamente.”, Itamar de Souza, *Nova história de Natal*.

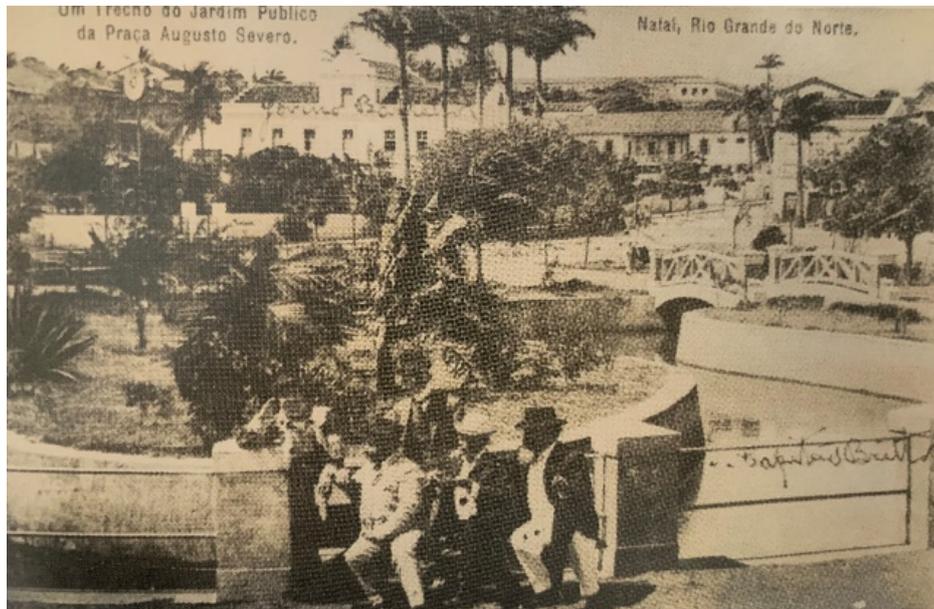
<sup>7</sup>Fundado em Natal em 1907, o **Clube Divisão Branca** era ligado a Marinha. Os membros usavam codinomes dos navios da esquadra brasileira. Entre os fundadores, Barôncio Guerra, que adotaria o nome de um encouraçado, o São Paulo. Jorge Fernandes, o Mato Grosso; Deolindo Lima, o Riachuelo; Ferreira Itajubá, o Espírito Santo.

<sup>8</sup>**Elpídio Pereira** (1872–1961) foi um músico e compositor brasileiro que organizou diversos concertos, apresentando a sua obra em diversas capitais do país. Registra-se passagem sua por Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Natal, Recife, entre outras. Estudou em Paris e, em 1904, fixou residência no Rio de Janeiro. Consta que sua composição “Les Pommés du Voisin” foi interpretada 76 vezes no Théâtre de la Gaité Lyrique, em Paris, no ano de 1916. E tornou-se a sua obra de maior repercussão.

Barôncio: “único a tocar oboé na cidade em seu tempo, tocando em festas religiosas, serenatas, estudando e pesquisando a história do Estado, participando de números orquestrais. Os versos de Deolindo intitulados ‘Teus Cabelos’ receberam música de Barôncio. Um velho manuscrito de propriedade da família do Poeta contém ‘Teus Cabelos’ datado de 1908. A recuperação da melodia foi possível graças à memória de Consuelo Wanderley, de 85 anos.”. No mesmo ano (1908), em 21 de novembro, Barôncio presta alistamento militar. Recebe o número 452.

**1909** Barôncio se torna agente, em Natal, da Caixa Paulista de Pensões. E permanecerá nos anos seguintes. Consta que também que residia em um sobrado na Travessa Campos Salles, 9. No mesmo ano (1909) e no seguinte (1910), aparece tesoureiro da Sociedade de Tiro Brasileiro Natalense nº 18<sup>9</sup>, um clube de tiro. Em 1911, membro da diretoria (vogal) e em 1917 chegou a vice-presidente. Ainda 1917, participa de atividades relacionadas à sociedade de tiro. Em 4 de março de 1917, o *Correio Paulistano* (São Paulo), registra o capitão Barôncio Guerra e uma turma de 50 atiradores sob seu comando enviados a Recife para representar o Tiro Brasileiro Natalense numa formatura militar e nas comemorações do centenário da Revolução de 1817.

Figura 6: Praça Augusto Severo, Ribeira



Fonte: João Maurício de Miranda, Natal foto-gráfico, p. 93.  
Cartão Postal, 1908.

**1913** Barôncio Guerra e Alberto Moreira Lopes contratados pelo Estado para construção de prédios modernos e vilas operárias em Natal.

**1914** I Guerra Mundial. Entre os primeiros natalenses a se alistarem para defender o Brasil estava Barôncio Guerra que não chegou a seguir para a Europa. Em 16 de dezembro, *A Época*, jornal carioca, notícia a chegada de Barôncio ao Rio de Janeiro, vindo do Rio Grande do Norte

<sup>9</sup>“Fundou em Natal o **Tiro de Guerra 18**, juntamente com Deolindo Lima e Aristóteles Costa e foi o seu primeiro comandante com o posto de capitão. Em consequência, tornou-se, com os demais citados amigos, o precursor dos atuais oficiais de reserva formados pelos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva (COPR) e, por sua visão larga, que via muito além da época de sua mocidade, sofreu o ciúme e a inveja de alguns oficiais do Exército da época (...)”, Yapery Yupiassu.

para a cerimônia do seu casamento com Neusa Gluck. Consta que Barôncio era diretor do jornal *Correio do Norte*<sup>10</sup>. Estava com 32 anos.

**1915** 16 de janeiro, casamento de Barôncio Guerra e Neusa de Brito Gluck, filha de Rosa Candida da Silva Brito e do capitão de corveta João Frederico Gluck. Tavares de Lyra foi testemunha do casamento civil. Luiz Bezerra da Trindade, representante de Joaquim Ferreira Chaves, governador do Rio Grande do Norte, foi o padrinho do casamento religioso. O casamento civil foi às 15h, na residência dos pais da noiva, na Rua D. Maria, 67, Aldeia Campista, no Rio de Janeiro. O casamento religioso foi às 16h, na igreja de São Francisco Xavier. Neusa e Barôncio tiveram quatro filhos: Yaporan Caramuru, Yaponira, Yapery Tupiassu<sup>11</sup> e Yaperina.

**1917** 26 de abril, Barôncio, entre outros, participa de uma reunião na casa do major Alípio Barros para a organização de uma sociedade musical. Alípio Barros, presidente provisório; e Barôncio Guerra, secretário. Barôncio foi então nomeado para a comissão de elaboração do estatuto social. No mesmo ano, o jornal *A Razão* do Rio de Janeiro em nota informa que Barôncio Guerra e Américo Pinto, redatores de *A Imprensa* (Natal), foram desacetados no quartel federal pelo capitão Toscano de Brito. E nada mais se soube sobre isto. Ainda em 1917 e em 1918 e 1919, Barôncio solicitador e leiloeiro em Natal, atendendo na Rua Dr. Barata, 2.

Figura 7: Centenário de Miguelinho, Inauguração do monumento ao herói



Fonte: João Maurício de Miranda, Natal foto-gráfico, p. 25.  
Fotografia Manoel Dantas, 1917.

<sup>10</sup>O primeiro número do *Correio do Norte* circulou em 15 de outubro de 1913. Dizia-se órgão republicano. Os redatores eram Brito Guerra, Potiguar Fernandes, Soriano Filho, Tasso Leite e Barôncio Guerra. A gerência estava ao encargo de João Máximo Barbosa e o repórter fotográfico era Carlos J. Medeiros. Assinatura semestral pra o interior 6\$000; trimestral para a capital, 2\$500; e exemplar avulso \$100. Recebia anúncios pagos. A redação, na Tavares de Lyra. Era impresso na Tipografia Augusto Leite, travessa Nísia Floresta, 3, Ribeira.

<sup>11</sup>“(...) nasci aqui mesmo nesta Praça André de Albuquerque, na casa nº 604, do outro lado do jardim, nos idos de 1921. Aqui tive uma infância feliz; furtei juntamente com Jair e Jadir Vilar, Veríssimo de Melo, Luiz e Otávio Rabelo, e outros, hóstias e vinho de missa da antiga catedral aqui ao lado, com a convivência do sacristão Arruda, e o desespero do bom vigário de então, Monsenhor Landim. Fiz muitas brincadeiras aqui mesmo nesta praça acompanhado da minha “gang” (...).”, Yapery Yupiassu.

**1918** 22 de março. *Diário de Pernambuco*: Barôncio no Recife em viagem de negócios. Em 1919, tira o segundo lugar em um concurso de tiro. Também em 1919, a *Revista Feminina*<sup>12</sup>, na matéria “A educação da mulher, esposa e mãe”<sup>13</sup> reproduz fotografia dos filhos de Barôncio e Neusa, Yaponan e Yaponira. No ano seguinte, 1920, Barôncio é orador do Centro Sportivo Natalense<sup>14</sup> e, em 1921, vice-presidente do centro.

**1922** O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte organizou a Semana da Pátria. Barôncio Guerra participou da comissão executiva das festas militares e participou do dia da história, comemorado no dia 10 de setembro, às 8h, Polygono de Tiro, no Tirol. Barôncio Guerra, na segunda prova, a “Miguelinho”, obteve o 2º lugar, perfazendo 81 pontos. Além disso, esteve presente na programação musical. Foi executada a música *Teus cabelos*, versos de Deolindo Lima e música de Barôncio Guerra. E também foi membro da orquestra, tocando oboé. Barôncio também se apresentou nas festividades do centenário com a orquestra sinfônica em concerto organizado pelo maestro Luigi Maria Smido. Neusa Guerra, por sua vez, participou da exposição na Associação Comercial, “e teve a oportunidade de abrilhantar a sua festa com a exposição de trabalhos de nossa indústria e lindos quadros de arte da Senhora Barôncio Guerra, cujas produções muito lhe recomendam a correção estética, tanto pela magnificência de tintas, quanto pela espiritualidade dos painéis. Tivemos também ensejo de apreciar vasos de cerâmica artisticamente preparados pela Senhora Guerra.” (Revista IHGRN, vol. XIX, 1922).

**1924** Um grave acidente no dia 05 de março envolveu o escritório de Barôncio. Conforme notícia no *Jornal do Recife* datado de 22 de maio, depois do meio-dia, o teto do prédio da Livraria Cosmopolita, do major Fortunato Aranha, desabou. O prédio era um sobrado e estava situado na Rua Dr. Barata. A livraria funcionava no andar térreo. No andar superior, funcionavam os consultórios de Oswaldo Ribeiro, cirurgião dentista, e Liciniano de Almeida, médico. As autoridades policiais chegaram e fizeram um cordão de isolamento. O assoalho aguentou o peso do teto, de modo que não houve vítimas na livraria. Mas os destroços (caliça, madeira, telha, etc.) caíram sobre a casa térrea vizinha do lado esquerdo, do Sr. Gurgel Luckff, onde funcionava o escritório de representação comercial de Barôncio. Ignacio Guerra, primo e empregado de Barôncio, foi atingido pelos escombros e morreu no local. Outros feridos foram Francisco Araújo (funcionário da Casa Boris) e Manoel Ezequiel, Virgílio Bernardes, Francisco Bonifácio (operários da Oficina Lucas Sigand). A casa da direita, do Sr. José Siqueira, foi destruída.

<sup>12</sup>A *Revista Feminina* foi publicada em São Paulo entre 1914 e 1936. Fundada e dirigida por Virgínia de Souza Salles que foi responsável pela publicação até 1918, ano do seu falecimento. A revista prosseguiu sob o comando do viúvo, João Salles, e das filhas do casal, Avelina Salles Haynes e Marina Souza Salles. É considerada a primeira revista paulista dedicada à mulher. Começou com uma publicação quinzenal até passar a mensal em 1915. A edição ano V, nº 63, pode ser consultada na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

<sup>13</sup>A matéria apresenta “a mulher moderna” de 1919: “a esposa, a mãe, a sabia diretora de sua casa”, aquela que enxerga o seu papel na vida da família e que preza pela sua autonomia. A mulher moderna pode e deve trabalhar. A mudança no papel da mulher também representa, de acordo com a revista, uma mudança na família: “o lar será representado, pelo esposo, e pela esposa, irmanados pelos sentimentos nascidos de um ideal comum de recíproca felicidade”. E mostra esta mudança no mundo, sobretudo, que vieram com a grande guerra (é preciso lembrar que 1918 é o ano em que termina a I Guerra Mundial na Europa) e aponta que em alguns países a mulher já conquistou os seus direitos políticos e participa ativamente de clubes sociais, discutindo ideias. A mulher moderna era então aquela que deveria estar “educada para a vida prática, apta para a luta da existência”. No entanto, a revista atribui não à família, e sim a mãe, a educação dos filhos. À mulher moderna, portanto, cabia equilibrar os seus inúmeros papéis na vida, o de si mesma, ser esposa, ser mãe, ser cidadã e trabalhadora.

<sup>14</sup>Fundado em 1918, o *Centro Sportivo Natalense* foi um time de futebol criado em Natal por iniciativa de Antônio Afonso Monteiro Chagas, com participação de Henrique Castriciano Souza, João Fernandes Campos e Café Filho. O primeiro time de jogadores foi formado por marinheiros e oficiais lotados no Porto de Natal. O primeiro uniforme foi camisa verde com faixa amarela e calção branco. O clube foi extinto em 1922.

Figura 8: Edifício sede do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte



Fonte: João Maurício de Miranda, Natal foto-gráfico, p. 27.  
Fotografia, João Galvão, s/d.

Nesta casa, na parte contígua à Cosmopolita, funcionava uma loja de fazendas e miudezas, onde F. Xavier Bezerra e seu pai, Antônio Xavier, escutaram um ruído e pularam o balcão, não sendo atingidos pelo teto que caiu no minuto seguinte.

Figura 9: Livraria Cosmopolita



Fonte: João Maurício de Miranda, Natal foto-gráfico, p. 121.  
Cartão Postal, s/d.

**1925** Barôncio suplente na delegacia auxiliar. Havia assumido a função em razão de férias do titular.

1927 Iniciou, aos 44 anos, o curso de direito na Faculdade de Direito do Recife. No mesmo ano, Barôncio ofereceu uma recepção ao jornalista Mário Melo para apresentar a orquestra típica regional, composta por violeiros natalenses. Em 11 de outubro, Barôncio Guerra apareceu pelo Rio de Janeiro. Provavelmente, foi nesta viagem que adquiriu a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes que destinaria à capela da Redinha.

Figura 10: Faculdade de Direito do Recife



Fotografia, Paulo Sobral, provavelmente anos 1930.

1928 Barôncio e outros veranistas da Redinha construíram a capelinha branca. Mário de Andrade esteve em Natal<sup>15</sup> e privou da companhia da família Brito Guerra. Neusa e Barôncio, os filhos e Câmara Cascudo aparecem numa fotografia tirada por Mário de Andrade. Mário escreveu: “Hoje estou gozando a vida na Redinha, praia de banho natalense, mas da outra banda do Potengi. Os botes de vela, Iracema, Alagoas, quinze outros, vão e vêm trazendo levando gente. Meu amigo Barôncio Guerra, sertanejo de nascença, natalense de carnaval carioca, tipo acabado de alegria, dirige a felicidade com uma perícia incomparável. Segurança de rédea, como a dele nunca vi”. Tendo desfrutado da boa hospitalidade do casal, Mario de Andrade ainda registrou: “Tirei um corte ventado na sombra dum terraço, melhor que receber

<sup>15</sup>“Na decantada viagem de Mário de Andrade a Natal e ao Rio Grande do Norte aconteceu de um tudo. E esse um tudo era por certo o que podia esperar pouco mais de um ano depois de pisar pela primeira vez o chão da capital, em agosto de 1927, quando realizou apenas os contatos possíveis no espaço de um dia. Estava por se inaugurar o ano de 1929 quando ele chega, agora para se demorar, tornando-se alvo de recepções oficiais, almoços e jantares opíparos, farras, fofocas, um quase acidente na Serra do Martins, tudo sem prejuízo das inúmeras pesquisas que empreendeu. Até um mimo absolutamente improvável se conta: casinha que lhe foi presenteadada diante do mar de Areia Preta—praia urbana da capital. A despeito das dificuldades enfrentadas até se decidir a vir conhecer a terra potiguar, tudo acabaria favorecendo o amigo paulista do menino do Coronel Cascudo. Ocupando o cargo de Presidente do Estado, (designação utilizada à época) encontrava-se Juvenal Lamartine, de grande expressão nacional pela defesa da emancipação política feminina e da aviação. Com ele, figuras de talento como o engenheiro Omar O’Grady de Paiva, prefeito, e intelectuais como Aduino Câmara, Aderbal de França e Cristóvão Dantas. Além, claro, de Antonio Bento de Araújo Lima, que embora pertencendo ao Legislativo Potiguar já é um respeitado crítico de arte no Rio tendo se tornado amigo de Mário, ajudando no processo de convencimento. Mas até se decidir pela viagem, o escritor dividirá os momentos de insegurança e ansiedade com seus muitos correspondentes.”, Tarcisio Gurgel, *O viajante amoroso*.

carta. A fome nos acordou ali pelas 12 e meia pro almoço. Vatapá, cavala em molho de coco; doces de comer pouco deliciosos, duma insistência açucarada prodigiosamente hospitaleira; melão nordestino, uma dessas coisas que fariam a Europa de Eduardo das Neves se curvar mais uma feita”.

Figura 11: Câmara Cascudo e a filha de Barôncio Guerra



Fonte: Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944 (2010), p. 194.

No verso, com letra de Mário de Andrade:

“Redinha (Natal) / 31-XII-28.”

**1928** *Diário de Pernambuco* (Recife), notícia da abertura de uma empresa com o nome de Guerra & Reis Ltda., de Barôncio Guerra e o bacharel, jornalista e violinista Eutyachiano Garcia Reis, com capital social de 30:000\$000 (trinta milhões de réis ou trinta contos de réis) para o comércio de representações em Recife. Em 1930, houve a dissolução da empresa Guerra & Reis Ltda., pela saída de Barôncio.

**1929** Em 22 de fevereiro, o *Jornal Pequeno* (Recife), noticia o furto na pensão Veneza, rua da Aurora, Recife da quantia de 1:500\$000 (um milhão e quinhentos mil réis ou um conto e quinhentos mil réis) pertencente a comerciante natalense Barôncio Guerra. O dinheiro estava no bolso da calça de Barôncio. Os furtos estavam sendo frequentes. A polícia prendeu um austríaco de nome Joseph Pettuska, que tinha vários objetos para arrombamento. Joseph Pettuska, que era formado pelo Instituto de Polícia de Viena, na Áustria, se especializou em arromba-

Figura 12: Redinha, foto por Mário de Andrade



Fonte: Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924–1944 (2010), p. 43.  
Fotografia, Paulo Sobral, provavelmente anos 1930.

mento de cofres, e foi chamado de “o maior ladrão internacional que o Recife já hospedou”. Nessa época, Barôncio estudava na Faculdade de Direito do Recife.

**1929** Março, salvamento de uma criança que estava se afogando na Redinha, por um pescador chamado Manoel Francisco (Manoel Vermelho), noticiado no *Diário de Natal* de 03 de janeiro de 1929. Houve uma missa em agradecimento ao salvamento da criança na capelinha de Nossa Senhora dos Navegantes, onde estiveram presentes os veranistas, entre eles Barôncio Guerra e família.

**1930** Novembro, *A Província* (Recife) registra a passagem de Barôncio pela cidade, a negócios.

Figura 13: Câmara Cascudo e Mário de Andrade



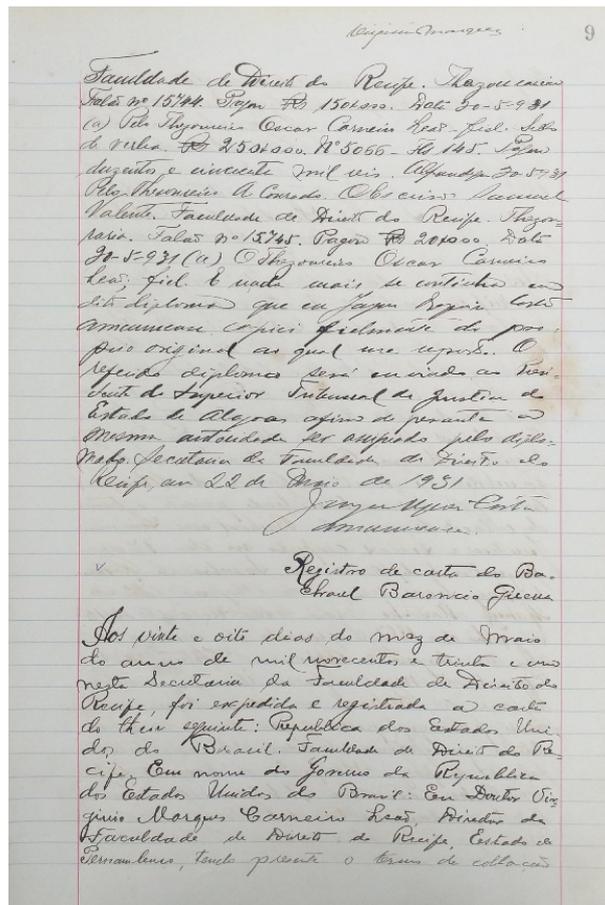
Fonte: Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924–1944 (2010), p. 133.

No verso, com letra de Mário de Andrade:

“Casquinho no fim / da Avenida Atlântica / Natal 7-VIII-27 / dia 3—sol 1 das 12 e 15.”

**1930** Barôncio Guerra assumiu a titularidade da delegacia auxiliar. Natal tinha 4 distritos (Cidade Alta, Ribeira, Alecrim e Cidade Nova), cada qual com uma delegacia e mais a delegacia auxiliar. Em 7 de dezembro, colação de grau da turma de 1930 da Faculdade de Direito do Recife. Barôncio foi o presidente da comissão de formatura. As solenidades ocorrerão no dia 16 de dezembro, com a seguinte programação: 08h, missa na matriz da Boa Vista, celebrada pelo arcebispo metropolitano D. Miguel Valverde; 15h, colação de grau simples no salão de honra da faculdade, sem nenhuma formalidade, além das exigidas pela lei. Barôncio estava com 48 anos de idade.

Figura 14: Registro da Carta de Bacharel de Barôncio Guerra, 1930

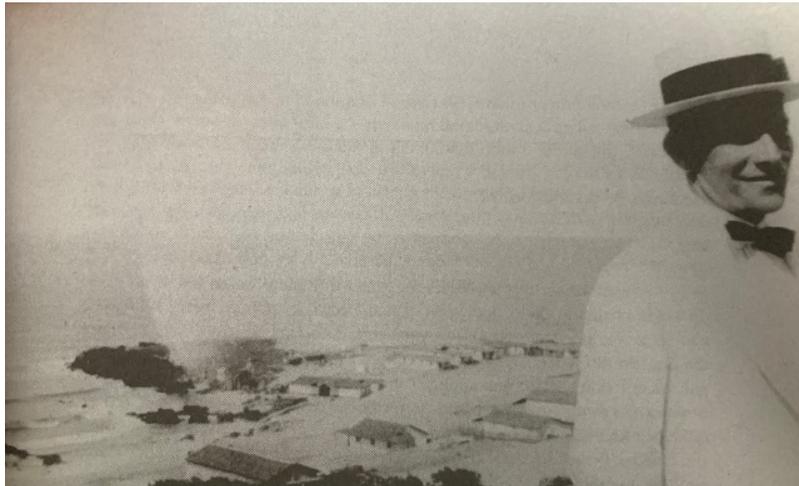


Cópia documento original fornecido pelo Arquivo da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco em agosto de 2021.

**1930** Barôncio Guerra escreveu nos anos 1930 uma série de perfis sobre figuras de Campo Grande, publicados em *A República*, respondendo a uma provocação do prefeito de Natal, Omar O’Grady, ao instituto histórico. O filho de Barôncio, Yapery Yupiassu, enumera os nomes sobre os quais Barôncio havia escrito: Alferes Antonio Martins Corrêia; Padre Amaro Theot Castor Brasil; Capitão Manoel Martins Corrêia e Castro; Tenente José Lucas Barbosa; Major Manoel Cornélio Barbosa Cordeiro; Alferes Joaquim Castriciano de Brito; Soldado Francisco Justiniano de Melo.

**1930** Cartas de Câmara Cascudo para Mário de Andrade mencionam Barôncio: Natal, 5 de dezembro de 1930, de Cascudo para Mário: “Jorge Fernandes é o mesmo e Barôncio Guerra

Figura 15: Omar O'Grady, prefeito de Natal



Fonte: Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924–1944 (2010), p. 133.

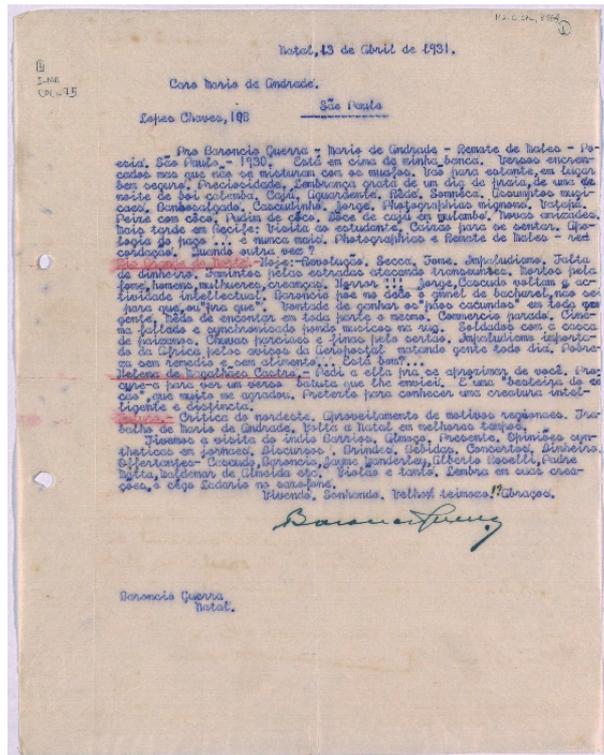
No verso, com letra de Mário de Andrade:

“Omar O'Grady ante as praias / Natalenses / Natal, Avenida Atlântica / 7-VIII-27, diaf. 1—sol das 12 e 15.”

bacharela-se neste dezembro. (...)”. Em 7 de janeiro de 1931, Cascudo para Mário: “(...) V. não teria posto em prática o surrealismo da praia da Redinha como explicou a Barôncio e a mim entre cajus e vinho branco?”. 27 de abril de 1931, Cascudo para Mário: “Mário tutti bahiano do coração tabatinguera. (...) Vou confessar um crime de estelionato cometido por mim. A vítima é V. Não sei se V. recebeu uma carta do Barôncio Guerra agradecendo logograficamente o envio de *Remate de Males*. Há neste até uma dedicatória de V. pra ele. Eu sou o culpado de tudo, mas não quero que Barôncio esmoreça no amor furioso que ele tem por V. Pra manter este fogaréu escrevinhei o seguinte corpo de delito: PRO BARÔNCIO—e adiante risque um M com um traço. Só é só. Barôncio ficou alegríssimo e o amor ativou-se duma maneira abundante. Eis aqui o crime. Ele está certo que V. mandou o livro e que aquele M com um risco quer dizer Mário”. A carta mencionada por Cascudo está datada de 13 de abril de 1930 e foi localizada no arquivo de Mário de Andrade. Barôncio escreveu a Mário de Andrade uma carta telegráfica: “Está em cima da minha banca. Versos encencados mas que não se misturam com os mualos. Vão para estante, em lugar bem seguro. Preciosidade. Lembrança grata de um dia de praia, de uma noite de boi calemba. Caju. Aguardente. Rede. Soneca. Assuntos musicais. Banhosalgado. Cascudinho. Jorge. Fotografias mignons. Vatapá. Peixe com coco. Pudim de coco. Doce de caju em mulambo. Novas amizades. Mais tarde em Recife: visita ao estudante. Caixão para sentar. Apologia do paço... e nunca mais. Fotografia e *Remate de Males*—recordação. Quando outra vez? (...) Hoje:—Revolução. Seca. Fome. (...) Barôncio põe no dedo o anel de bacharel, não sei para quê, ou pra quê (...) Futuro: crítica do nordeste. Aproveitamento dos motivos regionais. Trabalho de Mário de Andrade. Volta a Natal em melhores tempos (...)”.

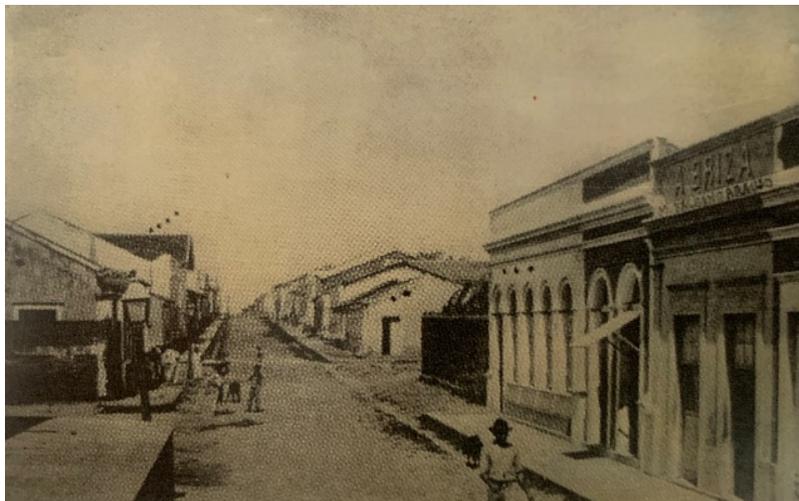
**1932** No dia 19 de abril, Barôncio inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, seccional do Rio Grande do Norte, OAB/RN, sob o nº 13. Tinha 50 anos. A OAB/RN foi das primeiras seccionais reconhecidas no Brasil, criada em 05 de março de 1932. No mesmo ano, é eleito 2º secretário do Instituto dos Advogados. *O Jornal* (Rio de Janeiro) registra a participação de Barôncio numa passeata em apoio a Gentil Ferreira, prefeito de Natal então destituído por Getúlio Vargas.

Figura 16: Carta de Barôncio Guerra para Mário de Andrade, 13 de abril de 1931



Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros—IEB/USP—Fundo Mário de Andrade, código de referência MA—C—CPL3566.

Figura 17: Café Magestic, s/d

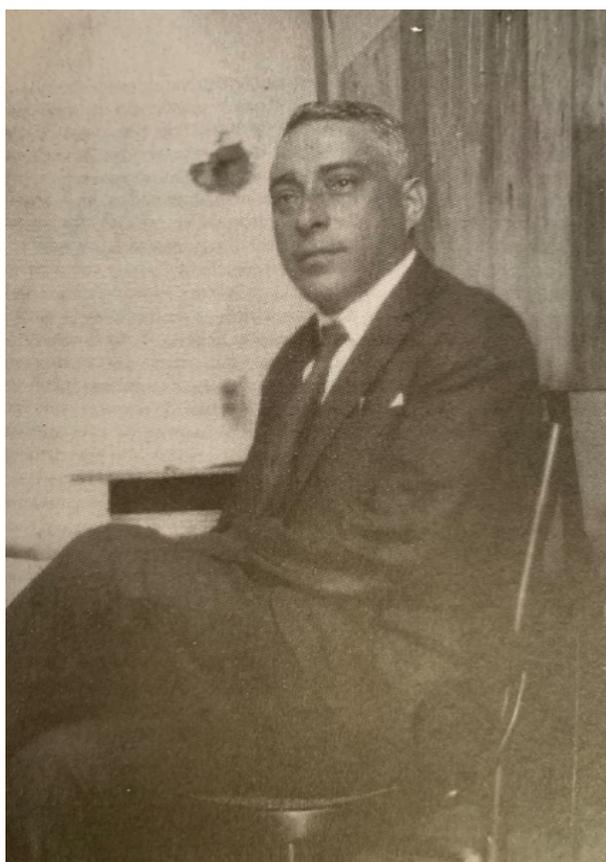


Fonte: João Maurício de Miranda, Natal foto-gráfico, p. 53.

1933 *Diário de Pernambuco* (Recife) notícia sobre o bloco de carnaval Divisão Branca que promove “assalto” a casa de Barôncio Guerra com promessa de uma festa de animação. No mesmo ano, a edição de 16 de abril do *Jornal do Recife* (Recife) publica um artigo de Sá Poty que conta: “Uma vez, estávamos no Magestic, em natal, a tomar cerveja. Numa mesa, eu, o poeta Jorge Fernandes e Barôncio Guerra. Noutra, Nenenciano Melo e um norte americano que trabalhava na célebre Comissão Walker, encarregada de eclipsar os dinheiros da União com a construção misteriosa do porto. Quando menos esperávamos, levantaram-se ambos, e

na cara vermelha do filho de Tio Sam, estalou uma bofetada sonora, pelo processo da Western Electric. O yankee levantou-se, enquanto Barôncio Guerra dava voz de prisão a Nenenciano. Mas, com surpresa nossa, o apanhado se opôs, alegando que aquilo fora brincadeira e que na sua terra ninguém ia preso por dar bofetadas. O incidente terminou e veio outra cerveja, que Nenenciano e o seu companheiro continuaram placidamente a ingerir. Mas Jorge Fernandes, muito trocista, começou a falar renitente que aquilo não estava direito, que Nenenciano, ao menos, devia ter respeitado a presença do delegado, que isso era um desrespeito à autoridade. O norte americano acabou ouvindo e veio à nossa mesa. Indagou se algum de nós era sheriff, e como apontássemos Barôncio como autoridade, passou a exigir a prisão do seu companheiro de ferra. E teve o seguinte diálogo: — O senhor ainda há pouco não pediu que não o prendêssemos? — Sim. Mim não saber que o senhor estar delegado polícia. Mim não faz questão bofetada, mim querr respeito autorridade... E para contentarmos o yankee, que estava meio off-side, ameaçando promover escarcéus, simulamos a prisão de Nenenciano, que foi mandado ir beber noutro canto. E o sujeito da Walker a repetir pachorrentamente: — Em América do Norte se respeita autorridade! No que, enfim, ele tinha alguma razão, mas não muita”. No mesmo jornal, Sá Poty publica um artigo em que escreve: “Barôncio Guerra é o calmo que se assume uma delegacia de polícia, os turbulentos se mudam de distrito”.

Figura 18: O poeta Jorge Fernandes



Fonte: Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924–1944 (2010), p. 65.

No verso, com letra de Câmara Cascudo:

“Jorge Fernandes (incógnito).”

**1934** Barôncio, delegado auxiliar, assumiu a chefia do comando do Batalhão de Polícia e o *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro) transcreve a carta de um leitor sobre as eleições daquele

Figura 19: Casa de Câmara e Cadeia de Natal, na praça André de Albuquerque Maranhão



Fonte: João Maurício de Miranda, Natal foto-gráfico, p. 20.  
Fotografia, Bruno Bourgard, 1904.

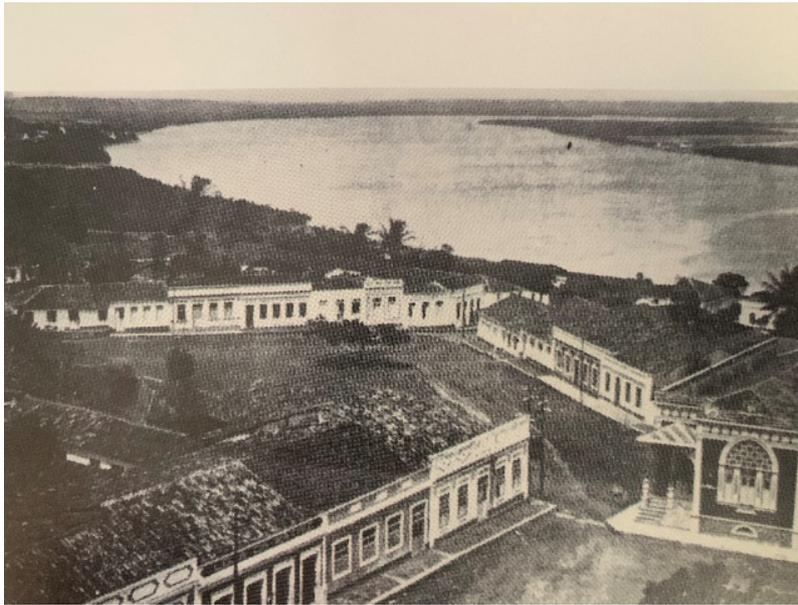
ano. A acusação era de que o governo pudesse fraudar a eleição para ocultar a derrota nas urnas. Apurações preliminares apontavam a vitória do Partido Popular. Barôncio, delegado auxiliar da capital, estava em Santa Cruz e exerceu a Casa de Câmara e Cadeia de Natal coação armado de granadas de mão, o que fez com que o juiz deixasse de abrir a sessão, não havendo eleição. Foi dado o panorama de diversas cidades do interior, como Baixa Verde, Alexandria, Martins, São Tomé e Goianinha. Raimundo Nonato em *Bacharéis de Olinda e Recife* (1960) registra um episódio do período: durante sua passagem pela Delegacia Auxiliar, um dia apareceu um sujeito, com fumaça de importância, que foi dizendo, sem mais preâmbulo: seu Barôncio, o doutor João Café mandou dizer que o senhor despachasse esse pedido. E, a queima roupa, Barôncio replicou: vejam lá, que desaforo! Eu estudei a vida toda, sou bacharel, e este sujeito me chama de “seu Barôncio”, enquanto o Café, que não fez nada e nem abriu um livro, ele chama de “doutor”!... Isto posto, remata o delegado: Indeferido por impropriedade de tratamento.

**1935** Barôncio advogado em Natal e representante comercial com endereço na Praça André de Albuquerque, 604. O jornal *A Ordem* (Natal), anuncia a participação de Barôncio na festa de Santa Teresinha, em Tirol, ao lado de nomes como Miguel Barra, Januário Cicco, José Varela e Luís da Câmara Cascudo. Barôncio costumava a participava de procissões e festas (Semana Santa, Corpus Christi) da Igreja Católica, além de disponibilizar ajudar financeira à instituição. Era assíduo nas festividades a Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira da Redinha. Barôncio também pertencia à Irmandade Senhor dos Passos.

**1937** Barôncio diretor do Domínio da União no Rio Grande do Norte.

**1940** 12 de dezembro, Barôncio e Neusa chegaram em Recife, num trem da Great Western, para a formatura de sua filha Yaponira Guerra, concluinte da Faculdade de Medicina. Com o casal, viajaram 22 senhoritas de Natal para presenciarem a formatura da primeira médica do Rio Grande do Norte. Em 13 de dezembro, o *Diário de Pernambuco* noticia da chegada a

Figura 20: Praça André de Albuquerque, começo do século XX



Fonte: João Maurício de Miranda, Natal foto-gráfico, p. 19.

Figura 21: Grupo Escolar Augusto Severo, Ribeira



Fonte: João Maurício de Miranda, Natal foto-gráfico, p. 90.  
Cartão Postal, s/d.

Recife de uma embaixada feminina potiguar de 23 senhoritas, presidida por Barôncio Guerra, para acompanhar a formatura da primeira médica do Rio Grande do Norte, Yaponira Guerra. Para o jornal, Yaponira falou sobre as dificuldades das moças do Rio Grande do Norte de cursarem o ensino superior, tanto por questões de ordem financeira, quanto geográfica, mas que a frequência de moças nas escolas secundárias já é uma realidade. Yaponira declarou: “O Rio Grande do Norte deu poetisas como Auta de Souza e houve deputados e prefeitos mulheres no regime legislativo anterior. Sou a primeira médica do meu Estado e ainda não contamos nenhuma bacharela. Mas em Natal, existem duas associações atléticas femininas e as mulheres riograndenses têm participado até de lutas pela defesa da pátria”. Uma fotografia ilustra a matéria, entre as moças, o homem presente é Barôncio. As solenidades foram as seguintes: 07h30, missa de congratulatória na igreja de Nossa Senhora de Fátima pelo padre Noé Gualberto, com

a bênção dos anéis; 15h, solene colação de grau no salão nobre da Faculdade de Medicina; 21h, *soirée* dançante no Club Internacional.

Figura 22: Escola Doméstica de Natal, Ribeira



Fonte: João Maurício de Miranda, Natal foto-gráfico, p. 91.  
Fotografia de Manoel Dantas, s/d.

**1942** Barôncio Guerra funcionário do Domínio da União, em Pernambuco. Neusa Guerra faz doação uma pintura para a Legião Brasileira de Assistência, a LBA, e uma cópia do Barléu para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Danilo, o Aderbal de França, em sua coluna em *A República* de 1 de abril de 1942, registrou: “As dadivas a Instituição, inclusive da sede, pelo atual governo do Estado, têm sido acrescidas de preciosas outras que realçam o conjunto dessas conquistas. A mais recente é a de um quadro a óleo, trabalho magnifico da sra. Neusa de Brito Guerra. Foi entregue naquela data pelo dr. Barôncio Guerra, que estava presente à sessão com a sua filha dra. Iaponira Guerra. A bela homenagem está à vista numa das paredes da sala de honra do Instituto. É a reprodução de um quadro de Barleaus: a fortaleza dos Reis Magos ao tempo da invasão holandesa, em 1633, quando teve o velho forte a sua fase de ação mais útil e característica. A pintora conterrânea fixou o aspecto do histórico Castelo de Ceulen, que hospedou Nassau no deserto da ponta projetada para a barra. E, em lugar à parte, completando o valor do quadro no ponto de vista do passado, a Ema simbólica do invasor que durante vinte anos dominou no Rio Grande do Norte.”

**1944** 9 de janeiro, morre Barôncio Guerra aos 61 anos de idade, em Natal. Sepultamento no cemitério do Alecrim, ocorrido no mesmo dia. Barôncio morava em Recife, mas veio a Natal para cuidar de sua abalada saúde. Em 12 de janeiro, *A Ordem* noticia o sepultamento de Barôncio Guerra, ocorrido no domingo, dia 09 de janeiro. Compareceram familiares, amigos, altas autoridades civis e militares, destacando-se o interventor federal e o prefeito de Natal. Recebeu os últimos sacramentos pelo frei Cipriano, superior do Convento Santo Antônio. Também há uma nota da missa de 7º dia a ser realizada no dia 15 de janeiro na catedral de Natal, matriz de Nossa Senhora da Apresentação.

**1947** Jornal *A Ordem*, anúncio de João Elvídio de Oliveira para a venda de 6 imóveis, entre os quais, o sítio Futuro, que pertenceu a Barôncio Guerra, com a seguinte descrição: “Redinha

Figura 23: Tatajubeira, Ribeira



Fonte: João Maurício de Miranda, Natal foto-gráfico, p. 114.  
Cartão Postal, s/d.

de Dentro ou Sítio Futuro, que pertenceu ao Dr. Barôncio Guerra, tendo várias benfeitorias, tais como cajueiros e coqueiros botadores, medindo 891 metros de frente por 850 metros de fundo, cortado pelo rio Redinha”. O rio Redinha é o atual rio Doce. O anúncio repetiu-se por mais 15 vezes, até 25 de agosto do mesmo ano.

## Nota final

Consultamos jornais, revistas e almanaques diversos na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Pesquisamos nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Essencial foi o perfil de Barôncio Guerra talhado por Raimundo Nonato em *Bacharéis de Olinda e Recife* (1960). Os trabalhos de Lauro Pinto, Itamar de Souza e Tarcísio Gurgel, respectivamente, *Natal que eu vi* (1971), *Nova história de Natal* (2001) e *Belle Epôque na esquina* (2009). A autobiografia de Waldemar de Almeida em *O nosso maestro* (2019) de Cláudio Galvão e *Cantos de bar* (2013) de Viltany Oliveira Freitas. Sobre Mário de Andrade nos valemos do livro de Mário, *O turista aprendiz* (2002); do volume *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas* (2010), organizado por Marcos Antonio Moraes; e do ensaio de Tarcísio Gurgel, *O viajante amoroso* (2015). Também consultamos o arquivo Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), onde encontramos a carta de Barôncio enviada a Mário em 1931. O Instituto Câmara Cascudo também foi consultado na gentil pessoa de Daliana Cascudo, a presidente; e entramos em contato com a família de Barôncio Guerra. As imagens foram recolhidas nas publicações originais dos jornais e livros já citados e foi também de grande e extrema valia *Natal foto-gráfico* (s/d) de João Maurício de Miranda. Agradecemos a todos que colaboraram com a nossa pesquisa e ao editor da *Revista Galo*, Francisco Oliveira, que nos fez tirar o trabalho da gaveta para publicação. Pesquisa e redação tomaram todo o ano de 2021 e 2022. Gustavo Sobral e André Felipe Pignataro, os autores.

Recebido em 20 jul. 2022. Aprovado em 16 dez. 2022.

